



GÊNERO E TECNOLOGIA EM UMA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES RURAIS

Bruna Mendes de Vasconcellos¹
Lea Maria Leme Strini Velho²

A Associação de Mulheres Agroecológicas (AMA) foi criada a partir da articulação de um grupo de mulheres rurais do assentamento Horto-Vergel, que organizou durante sua trajetória diversas cozinhas onde produziram alimentos, garantiram o sustento dos assentados e buscaram construir autonomia para as mulheres. Fazendo uso de diferentes tecnologias construídas de distintas maneiras essas mulheres se articularam como podiam para seguirem organizadas, gerando renda e produzindo seus alimentos.

Com o objetivo de analisar as relações entre gênero e tecnologia na AMA, associação formada pelo grupo de mulheres³, centraremos nosso olhar sob uma experiência específica do grupo com a produção de farinha de mandioca e as maneiras como a tecnologia permeava a construção das relações dentro dessa prática. Inicialmente faremos uma breve revisão teórica dos estudos feministas da tecnologia inseridos nos Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia e as contribuições do último ao campo de gênero e tecnologia, para dar suporte à compreensão de que as tecnologias utilizadas nesse processo são socialmente construídas e, assim, definidas por e definidoras das relações de gênero.

Para realizarmos as análises foi feito um trabalho de campo durante três meses com a AMA no qual foram acompanhadas reuniões e as formas de organização do grupo para o processo produtivo (principalmente processamento e comercialização), além de oficinas realizadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UNICAMP (ITCP)⁴, seminários onde o grupo estava presente, e realizadas entrevistas semi-estruturadas com algumas integrantes do grupo.

¹ Mestranda, Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da UNICAMP, bruna@ige.unicamp.br.

² Professora Titular (MS-6). Departamento de Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências da UNICAMP. velho@ige.unicamp.br.

³ Essa formalização não era jurídica, a princípio o grupo apenas ganhou um nome e passou a atuar como associação, foi apenas em 2010 que elas conseguiram de fato se registrar enquanto associação formal.

⁴ A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UNICAMP (ITCP/UNICAMP) é um programa de extensão da UNICAMP que tem como objetivos fomentar a Economia Solidária e produzir novas formas de conhecimento na academia, e que acompanha a formação de grupos associativos em seu local de trabalho, tendo realizado incubação com a AMA desde 2005.



Estudos Feministas da Tecnologia e os Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia

Os primeiros estudos feministas sobre a tecnologia surgem a partir da década de 1970 por um caminho muito parecido àquele traçado por autoras que estudavam gênero e ciência⁵. O resgate histórico aqui traçado será feito desde a perspectiva das autoras que se encontram dentro ou influenciadas pelo campo da sociologia da tecnologia. Nesse sentido, essas teóricas apontam em palavras diferentes, mas permeadas por uma mesma lógica, a forma como os estudos feministas da tecnologia mudam de uma visão que estuda as mulheres e a tecnologia ou na tecnologia, para um campo mais amplo dos estudos de gênero e tecnologia, que compreende ambas como construções sociais.

Segundo Cockburn e Ormrod (1993), desde a retomada do movimento feminista a partir do final da década de 1960, a relação das mulheres com a tecnologia tem sido conscientemente problematizada. Inicialmente as feministas evidenciavam a estreita relação da masculinidade com a tecnologia a partir dos mais diversos campos de estudos. Aquelas que estudavam a segregação do trabalho por sexo, mostravam que os trabalhos que exigiam conhecimentos e know-how tecnológico eram principalmente feitos por homens e vistos como trabalhos masculinos. As sociólogas da educação mostravam como as escolhas por disciplinas e profissões também era fortemente marcadas por uma distinção dos sexos (sex-typed). E enquanto os psicólogos faziam estudos buscando as relações da psique masculina e feminina com a engenharia, os sociólogos desvendavam as contradições das mulheres que se tornaram engenheiras (COCKBURN e ORMROD, 1993).

Faulkner (2001) aponta, no entanto, uma mudança na maneira das feministas abordarem o tema da tecnologia. A autora distingue diferentes correntes dos estudos feministas da tecnologia, que não são lineares temporalmente ou hierarquicamente, a primeira delas seriam as que estudam 'women in technology' (mulheres na tecnologia), cuja questão central era responder 'por que tão poucas?', e analisavam porque as mulheres ocupavam tão pouco espaço nas profissões 'técnicas' e de engenharia, mesmo com anos de incentivo governamental. Pouco preocupadas com as representações culturais e simbólicas que associavam as tecnologias à masculinidade, essa corrente feminista defendia que a socialização das meninas com as tecnologias desde a infância e uma

⁵ De fato, não é só em sua origem que estes campos de estudos se aproximam, os estudos da tecnologia seguiram em toda sua trajetória passos e argumentos antes colocados pelas feministas que estudam a ciência. Judy Wajcman em seu livro "Feminism Confronts Technology" (1991) traça um paralelo desses dois campos de estudos mostrando todos os aspectos em que se assemelham. Não pretendemos aqui trabalhar essa comparação, o foco do trabalho será a temática de gênero e tecnologia, mas é importante pontuar que muitas contribuições desse campo de estudos foram feitas.



estrutura de trabalho modificada (que permitisse que as mulheres estivessem no mercado de trabalho) seriam as chaves para modificar essa situação.

Por outro lado estão as feministas que trabalham no tema de 'woman and technology' (mulheres e tecnologias), focadas principalmente nas áreas tecnológicas vivenciadas pelas mulheres, como é o caso das tecnologias reprodutivas e de informática. Dentro desse campo as estudiosas se dividem entre aquelas muito otimistas ou muito pessimistas sobre a influência dessas tecnologias sobre as mulheres, com uma tendência a apresentar a tecnologia como patriarcal e retratar as mulheres como vítimas das tecnologias dos homens. Nessa corrente estão as ecofeministas, que veem a tecnologia como intrinsecamente ligada aos valores masculinos que estão desconectados da natureza e das pessoas, que lhes coloca dificuldades em captar as contradições na relação das mulheres com a tecnologia (FAULKNER, 2001).

Por fim, Faulkner apresenta a corrente que emerge dentro do campo de estudos sociais da ciência e da tecnologia chamada de 'gender and technology' (gênero e tecnologia), que compreendia gênero e tecnologia como ambos sendo socialmente construídos e por isso passíveis de serem reconstruídos. Sendo assim, esse novo campo focava seus estudos nos usos e usuários das tecnologias do dia-a-dia, saindo do foco até então central da sociologia da tecnologia nas tecnologias militares ou industriais. É dentro dessa corrente se encontram as principais autoras aqui citadas: Cockburn, Faulkner e Wajcman, e é a partir desta que serão desenvolvidas as análises desse artigo. Faulkner (2001) cita também o surgimento mais recente de uma nova corrente que é a de 'men/masculinities and technology' (homens/masculinidades e tecnologias) focada em compreender a relação dos homens com as tecnologias.

Dentro do contexto dos estudos feministas da tecnologia Wajcman aponta a necessidade de um marco teórico para analisar gênero e tecnologia que dê conta de fugir aos dicotomismos e ao determinismo tecnológico. Os estudos sociais de ciência e tecnologia, ela defende, tem grande potencial então de contribuir com os estudos feministas por terem uma abordagem que dê conta dos construtos sociais da tecnologia.

A partir da década de 1970 com o surgimento do campo de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, as feministas conseguem avançar nesse sentido. Esses estudos faziam frente à ideia do determinismo tecnológico, que compreendiam a tecnologia como neutra e como sendo o 'motor da história', e passam a defender que a tecnologia é moldada a partir das relações sociais. Duas vertentes em especial contribuíram para os estudos feministas, as quais exploraremos brevemente a seguir.



Primeiramente o 'Social Construction of Technology' (SCOT) enfatiza que artefatos tecnológicos estão abertos à análises sociológicas não apenas em seu uso, mas também em seu design e produção. Defendem que o sucesso ou fracasso de uma tecnologia são explicados não porque funcionam ou não, mas sim porque foi aceita por um grupo social relevante. Por outro lado a Actor Network Theory (ANT) parte da idéia de uma rede heterogênea, compostas por atores humanos e não humanos, com a idéia de que a tecnologia e a sociedade se definem mutuamente. Sua proposta que mais contribui com a teoria feminista é a de que os consumidores são parte integral do processo de desenvolvimento tecnológico (WAJCMAN, 2000).

Mesmo que estas teorias tenham avançado em sua ênfase na forma como as tecnologias são socialmente definidas, tem sido destinada às feministas a tarefa de mostrar que neste “social” também existem relações de gênero.

Ainda assim, a partir das contribuições dessas vertentes as feministas avançam em pesquisas empíricas sobre gênero e tecnologia, principalmente com foco no desenvolvimento e difusão, na tentativa de romper com a separação designer e usuário. As feministas trazem em seus estudos um olhar que sai dos portões da fábrica e volta sua atenção também para as tecnologias de reprodução, consumo e tecnologias domésticas, ou seja, as da produção não remunerada (WAJCMAN, 2000). Segundo Silva (2000) a literatura desenvolvida pelos estudos feministas da tecnologia desse época se preocupavam com três aspectos centrais: 1) gênero e tecnologia são processos, 2) estes são moldados a partir de uma interação, 3) são categorias históricas e culturais.

E a partir das contribuições do campo de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia as feministas desenvolvem um novo marco analítico que permite compreender as complexas relações entre gênero e tecnologia e suas inevitáveis contradições, fugindo dos limites colocados pelo determinismo tecnológico.

Descrição do trabalho de campo

O Assentamento do Horto-Vergel está localizado em Mogi-Mirim, na estrada Itapira – Mogi-Mirim, e abriga hoje um total de mais de 100 famílias. O planejamento para ocupação da terra se iniciou no ano de 1996 com famílias das cidades da região, entre elas estavam Campinas, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Estiva Erchi, Conchal, Santa Barbara e Sumaré (SIQUEIRA, 2008). A ocupação da terra ocorreu no dia 12 de outubro de 1997. Ficaram acampados até o ano de 2000 quando é criada a associação do Assentamento 12 de outubro, e são divididos os sítios em lotes por família e sorteadas as casas do assentamento (AMA e ITCP/UNICAMP, 2006).



Segundo histórico contado pelas próprias mulheres da AMA desde a ocupação das terras elas atuavam como uma grupo de mulheres, que ainda não tinha o formato de associação, mas que se identificavam na luta para garantir educação e alimentação dos assentados e para isso se organizavam nas tarefas principalmente de produção de alimentos e cuidado das crianças. Enfrentaram tropas de choque na ocupação, organizaram creche, escola e rádio e inclusive lutaram pela construção da estrada que dava acesso às terras. Dentre todas suas participações na estrutura do assentamento destaco sua organização em momentos e contextos diferentes para o processamento de alimentos. Durante sua trajetória passaram por uma cozinha comunitária, um restaurante, uma formação em agroecologia, no entanto, sua experiência com a produção de farinha de mandioca tem especial importância por evidenciar algumas contradições na relação estabelecida por essas mulheres com a tecnologia.

Atualmente a AMA, que já contou com mais de 20 mulheres, é composta por 10 integrantes em sua maioria morenas/negras (como se denominam), com baixa escolaridade (primeiro grau ou analfabetas), casadas, com filhos(as) e que sobrevivem do trabalho na terra. O grupo hoje trabalha com a comercialização de produtos agroecológicos, processados e in-natura, como forma de renda complementar para a família. As mulheres não têm nesse momento um espaço comum onde possam realizar a produção, por isso, os produtos vêm de seus lotes particulares e do que produzem na sua própria cozinha, elas reúnem todos esses itens em cestas que são comercializadas principalmente em Campinas e participam também de feiras de comercialização, normalmente de Economia Solidária ou Agroecologia.

Dentre as muitas articulações que o grupo tem com a universidade, uma delas é com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UNICAMP (ITCP/UNICAMP), um programa de extensão da UNICAMP, que tem como objetivos fomentar a Economia Solidária e produzir novas formas de conhecimento na academia, a partir do acompanhamento e formação de grupos autogestionários na Região Metropolitana de Campinas. O trabalho da incubadora consiste no acompanhamento semanal dos grupos em seu local de trabalho realizando oficinas de formação em diferentes áreas, de acordo com as demandas dos grupos, e que buscam construir constantemente a autonomia dos grupos autogestionários. O vínculo da incubadora com a AMA se iniciou no final de 2005 e continua até os dias de hoje.

Trago aqui a experiência com a incubadora porque meu contato com a AMA se iniciou justamente no final de 2005 quando fui contratada como estagiária pela ITCP/UNICAMP para acompanhar o grupo na construção de um projeto de cozinha industrial no assentamento. O projeto acabou em julho de 2006 e só retornei oficialmente ao grupo em 2008 já como monitora da



ITCP/UNICAMP incubando a AMA, mas durante esse intervalo mantinha de alguma forma o contato com as mulheres, através dos eventos da Incubadora e da participação delas nas feiras e reuniões de Economia Solidária no município. Já no ano de 2009 iniciei meu mestrado, me desvinculando da incubadora enquanto monitora, mas agora acompanhando o grupo como pesquisadora.

Como o grupo não têm um espaço coletivo para sua produção, realizei o trabalho de campo acompanhando os espaços de formação do grupo com a ITCP/UNICAMP (que é o único momento da semana em que o grupo se reúne), as reuniões da equipe de incubação (nos momentos em que planejavam a ação com o grupo), realizei entrevistas com três participantes do grupo, fiz um resgate histórico de materiais sobre a AMA⁶ e além disso contei com a minha própria experiência e contato prévio com o grupo. No total foram três meses de acompanhamento do grupo, onde participei de cinco reuniões de equipes, quatro reuniões/oficinas da AMA com ITCP/UNICAMP nos temas de contabilidade, gênero e agroecologia, estive em dois seminários na UNICAMP onde o grupo apresentou seu trabalho e realizei três entrevistas.

Das mulheres entrevistadas duas são casadas e uma é viúva, todas tem filhos e a viúva já tem netos, todas se consideraram como morenas e/ou negras e tem entre 30-55 anos. Apenas uma delas tem trabalho fora do assentamento nesse momento, as outras duas vivem da renda gerada a partir da produção agrícola. A viúva é a única que está no grupo desde o seu princípio, sendo uma das lideranças deste, as outras entraram no grupo no momento em que começou a produção de farinha.

A farinha de mandioca

A preocupação da AMA com a produção de alimentos saudáveis e de qualidade é algo que acompanha essas mulheres desde a formação do assentamento. Segundo contam, no primeiro dia de ocupação a articulação dessas mulheres se iniciou a partir da constituição de uma cozinha comunitária para garantir a alimentação de todos. E desde esse princípio essas mulheres se mantiveram articuladas desenvolvendo muitas atividades já apontadas, passando por altos e baixos, por momentos de mais ou menos produção, mais ou menos articulação e claro, mais ou menos recursos.

⁶Por ser um grupo pequeno e que foi pouco estudado existem poucos estudos sistematizados, a maior parte do material que encontrei foram na ITCP/UNICAMP, na forma de registro de atividades de incubação e relatos de histórico do grupo, além de uma tese de doutorado (UNICAMP) sobre um trabalho de agroecologia feito com o grupo.



Assim, em um determinado momento de dificuldades financeiras as mulheres que permaneciam no grupo, por volta de seis, sob sugestão de uma delas resolveram trabalhar com a produção de farinha de mandioca, e na ausência de um local coletivo para o processamento se instalaram na casa de uma das integrantes do grupo.

As mulheres se dividiam entre as atividades de colher mandioca, descascar, lavar, ralar, prensar, peneirar e torrar a farinha. Os equipamentos utilizados para realizar esse processo eram relativamente simples, com exceção da prensa. Para lavar e descascar usavam tonéis de plástico, mesas e facas, para ralar tinham um tipo de ralador elétrico, que segundo contam era um pouco difícil de manusear, para prensar colocavam a mandioca ralada em sacos grandes e tinham que colocar um peso em cima para que toda a água saísse, e por fim peneiravam e torravam a mandioca em tachos que ficavam nos fogões à lenha.

Como não dispunham de recursos para infra-estrutura, os equipamentos utilizados eram todos feitos com materiais locais pelos maridos e outros homens assentados, desde a prensa montada com troncos de eucalipto até os fornos feitos com tijolos e acabados com uma tacho que elas compraram: “Meu pai que fez a prensa, que montou, foi ele que fez.” (Entrevista 2, 32 anos, casada). As instalações do barracão, assim como os reparos necessários aos equipamentos, eram também feitos pelos maridos: “Na parte assim se quebrava alguma coisa era sempre o (marido 1) e (marido 2) que vinha arruma, porque a gente não conseguia arrumar mesmo.”(Entrevistada 3, 31 anos, casada).

Um elemento que merece destaque era a prensa utilizada. Como era feita de tronco de eucalipto era muito grande, pesada e também perigosa. Um dos troncos era o que prensava os pacotes com mandioca ralada, e para fazer isso as mulheres tinham que levanta-lo rapidamente e coloca-lo sobre a mandioca. Esse procedimento era extremamente arriscado já que se o tronco escapasse poderia atingir a mulher segurando o cabo de aço que o puxava, além de ser pesado e em alguns momentos causarem dor física e outros problemas de saúde para as mulheres, como contam elas: “[o tronco] era pesado pra levantar ele, pra gente ponhar o pau debaixo para prensar. [...] cansava, doía o braço, eu mesma tenho problema nessa munheca minha aqui por causa da prensa.” (Entrevista 2, 32 anos, casada); “[a prensa] Boa, boa ela não era não porque ela era muito pesada, tanto que a gente saiu de lá até 'estuquiada' da coluna e tal.” (Entrevistada 3, 31 anos, casada).

Assim, as tecnologias utilizadas por essas mulheres para a produção de alimentos não era apenas a de eletrodomésticos, seu ambiente produtivo era composto também por tecnologias produzidas localmente. No entanto, o relato das mulheres indica que essas tecnologias eram



produzidas exclusivamente pelos homens, fica evidente por suas falas que em uma divisão de tarefas a relação com a tecnologia, para elas, é algo exclusivamente masculino. De certa forma isso dificultou compreender as formas como as mulheres participaram ou contribuíram com esse processo, já que para elas isso não parece ser relevante. Arriscaria assumir no entanto que essas mulheres eram atores importantes nesse processo, uma vez que o equipamento sendo desenvolvido era de seu total interesse. Todavia, para compreender esse elemento melhor, ainda é necessário um aprofundamento do trabalho de campo.

Vale observar como as relações de gênero nesse contexto moldam o artefato tecnológico, da mesma forma que este molda as relações de gênero (WAJCMAN, 1998). Assim como a divisão sexual do trabalho coloca o homem mais em contato com o universo produtivo e suas tecnologias, as mulheres se veem restritas a lidar com as tecnologias domésticas e vale dizer, pouco estimuladas a tentarem resolver problemas trazidos por estas, ficando essa tarefa sob responsabilidade do homem. Por outro lado, ainda que o desenvolvimento tecnológico seja exclusivamente feito pelos homens, alguns dos artefatos construídos significam para as mulheres uma forma de construir sua autonomia. Mostrando assim, a complexidade das relações postas.

E mesmo que essa habilidade conferida aos homens possa gerar uma dependência das mulheres na organização de sua produção, elas não parecem ver nisso um problema. Muito pelo contrário, as entrevistadas viam com muitos bons olhos o apoio dos homens na manutenção e reparo dos equipamentos, assim como contam também que em algumas ocasiões eles inclusive ajudavam a manusear a prensa, elas dizem que pouco antes de parar de funcionar a farinheira (nome dado ao conjunto de equipamentos para produção de farinha), elas pensavam em chamar um homem para trabalhar com elas e que ficasse só na prensa.

A farinheira ia funcionando bem, as mulheres lembram desses momentos com muito carinho em especial pela experiência de ficarem ali o dia todo as mulheres trabalhando e conversando e se divertindo. Apesar do pouco retorno financeiro da empreitada elas faziam com muito gosto e tinham vontade de continuar. No entanto uma fase em que a quantidade de mandioca nos terrenos começou a diminuir somada a uma visita da vigilância sanitária que apontou alguns problemas da produção feita dessa forma levaram ao fechamento da produção.

Desde então a AMA tem muita vontade de voltar a se organizar para seguir produzindo a farinha e seus derivados, mas a constante dificuldade de financiamento para comprar equipamentos adequados e estruturar um prédio com as instalações necessárias foram desmotivando as mulheres. Chegaram inclusive a procurar a ajuda de um outro assentado que tinha desenvolvido uma prensa



para a farinheira mais leve que o modelo utilizado pelo grupo. Esse assentado produz, junto com a mulher, farinha de mandioca também, e usando sucata desenvolveu um prensa barata e leve. Com apenas um 'macaco para caminhão' e uma bomba pistão comprados da sucata ele mesmo construiu o equipamento, que não exigia praticamente nenhum esforço físico para manusear, que era bem menor do que a prensa feita com os troncos de eucalipto e apresentava menos riscos à saúde das mulheres.

No entanto, ainda que inicialmente ele tenha se disposto a ajudar o grupo emprestando a própria farinheira ou até mesmo ensinando o grupo e auxiliando para que elas montassem a própria farinheira, a articulação não deu certo. A primeira opção da AMA foi pegar a prensa emprestada, mas apesar de toda a disposição parece ser que por disputas políticas dentro do assentamento, as quais não tivemos acesso, a articulação não funcionou. Por outro lado as mulheres, mesmo com as indicações de como construir sua própria prensa, não se mobilizaram nesse sentido. Os motivos para isso ainda não são claros, mas uma hipótese é de que não se sentem suficientemente apropriadas para fazê-lo, trazendo à tona outra vez a dependência das mulheres de homens que desenvolvam equipamentos para sua produção.

Considerações Finais

Este trabalho buscou analisar as relações de gênero e tecnologia a partir da experiência de uma Associação de Mulheres Agroecológicas (AMA) em um assentamento rural da região de Campinas. Recuperando a memória da construção dos equipamentos para produção de farinha de mandioca tentamos evidenciar como as relações de gênero definem as atividades produtivas escolhidas pelo grupo, sua organização e também as tecnologias que utilizam, assim como se redefine a partir dessas.

Percebemos que o contexto do meio rural facilita a convivência de dois tipos de tecnologias: os eletrodomésticos, em sua maioria doados ao assentamento, e tecnologias produzidas localmente, em sua maioria feitas pelos homens mais próximos das mulheres (maridos, pais, amigos). Isso por um lado demonstra a dificuldade de acesso dessas mulheres aos eletrodomésticos, que apesar de serem desenvolvidos tendo como grupo de interesse as mulheres, não é hoje acessível à toda a população. Por outro lado, mostra como as relações de gênero marcam a maneira como essas tecnologias são construídas. Os homens são os responsáveis pelo desenvolvimento tecnológico, que em alguns momentos confere autonomia às mulheres. E ainda que isso coloque as mulheres em uma situação de dependência, elas parecem não ver nisso um problema e se sentem confortáveis



confiando aos homens essa tarefa. Assim, ainda que inicial, este artigo aponta para a relação estreita que pode ser feita entre as relações de gênero e a forma como estas moldam e são moldadas pela tecnologia.

Bibliografia

- Associação das Mulheres Agroecológicas (AMA) e ITCP/UNICAMP. “*Da Ocupação à Cooperativa – As Mulheres Guerreiras do Vergel*”. Relato de Experiências e Memória de um grupo de Mulheres trabalhadoras rurais do Assentamento 12 de Outubro – Horto Vergel, Mogi Mirim, apresentado à 2ª. Edição do Prêmio Margarida Alves de Estudos Rurais e Gênero, não publicado, 2006.
- COCKBURN, C. ; ORMROD, S. *Gender and technology in the making*. UK: London, Sage Publications, 1993.
- COWAN, Ruth Schwartz. "How the Refrigerator Got Its Hum," in *The Social Shaping of Technology: How the Refrigerator Got Its Hum*, ed. Judy Wajcman and Donald Mac- Kenzie (Philadelphia, 1985), 202-18.
- FAULKNER, Wendy. The technology question in feminism: A view from feminist technology studies. *Women's Studies International Forum* 24(1): 79-95. 2001
- ITCP/UNICAMP, relatos de incubação e histórico do grupo, 2005-2009.
- KERGOAT, Danièle. *A relação social de sexo. Da reprodução das relações sociais à sua subversão*. In: **Revista Pró-posições** Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, v.13, n 1 (37), jan/abr. 2002 p. 47/59
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990
- SILVA, Elizabeth Bortolaia. *Des-construindo gênero em ciência e tecnologia*. Cadernos Pagu: gênero, tecnologia e ciência. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-Unicamp, 1998.
- SILVA, Elizabeth Bortolaia. *Tecnologias do Lar*. Cadernos Pagu: gênero, tecnologia e ciência. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero-Unicamp, 1998.
- SIQUEIRA, Ana Paula Pegorer. *Impactos Sobre a Dinâmica produtiva e as relações de gênero na transição agroecológica de um grupo de mulheres assentadas*. 2008. 217 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Feagri, Unicamp, Campinas, 2008.
- WAJCMAN, Judy. *Feminism confronts technology*. USA: The Pennsylvania state university Press, 1991. UK: second printing 1996.
- WAJCMAN, Judith. *Tecnologia de Produção: Fazendo um trabalho de gênero*. Cadernos Pagu: Gênero, Tecnologia e Ciência- UNICAMP, n.10, 1998.
- WAJCMAN, Judy. *Reflections on Gender and Technology Studies: In What State is The Art?*. *Social Studies of Science*, Vol. 30, No. 3, 2000, p.447-464.